

Homoafetividade e homofobia no conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu

*Homoaffectivity and homophobia in the short story
Aqueles dois, by Caio Fernando Abreu*

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO MARINHO
Doutorando em Estudos de Literatura (UFF)
josebrenatti@hotmail.com

Resumo: A literatura brasileira, ao longo do tempo, acompanhou também o preconceito da sociedade no que tange às pessoas e às relações homoafetivas, representando-as, em seus primeiros textos que as abordavam, de forma preconceituosa e até mesmo patológica. Todavia, na segunda metade do século XX, em plena ditadura militar, emerge no campo literário Caio Fernando Abreu, que não tinha receio de apresentar em sua ficção a homoafetividade (pessoas e relações) e a homofobia da sociedade, sendo o seu maior sucesso de público o livro de contos *Morangos Mofados* (1982). Entre os contos que compõem a obra com a temática homoafetiva está *Aqueles dois*, que traz dois amigos, Raul e Saul, vivenciando uma relação de amizade, que aos olhos dos outros é vista como um envolvimento amoroso, o que culmina em uma situação de homofobia, fazendo-os perderem os seus empregos, que ambos lutaram para conquistar ao serem aprovados em um concurso.

Palavras-chave: *Aqueles dois*; Caio Fernando Abreu; homoafetividade; homofobia; Literatura brasileira.

Abstract: Brazilian literature has historically reflected the societal prejudice toward homoaffective individuals and relationships, often portraying them—particularly in earlier texts—in a prejudiced or even pathological manner. However, during the second half of the 20th century, amidst the Brazilian military dictatorship, Caio Fernando Abreu emerged in the literary field. He openly addressed homoaffectivity (both individuals and relationships) and societal homophobia in his fiction. His most acclaimed work is the short story collection *Morangos Mofados* (1982), which includes stories centered on homoaffective themes. Among these is *Aqueles dois*, which tells the story of two friends, Raul and Saul, who share a close friendship that is perceived by others as a romantic relationship. This perception leads to a situation of homophobia, ultimately resulting in the loss of their jobs—positions they had both fought to obtain through a competitive public examination.

Keywords: *Aqueles dois*; Caio Fernando Abreu; homoaffectivity; homophobia; Brazilian literature.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura sempre teve o poder de representar os sujeitos que compõem a sociedade de uma época, entretanto alguns ficaram à margem dessa representação, nem sempre sendo retratados; muitas vezes, foram colocados nos textos literários a partir de

uma perspectiva preconceituosa e patológica, como ocorre com os sujeitos homossexuais em obras do final do século XIX.

Caio Fernando Abreu (1948-1996), escritor que surgiu em meio à ditadura cívico-militar, foi um dos escritores que não demonstrou em suas obras receio de retratar histórias com personagens e relações homoafetivas, além de abordar a homofobia e as suas consequências para a vida dos homossexuais. *Morangos Mofados* (1982), a sua obra mais exitosa, é um livro com dezoito contos divididos em três partes, alguns deles trazem relações homoafetivas com enfoque principal – abordando questões de afeto, contato sexual, problemas psicológicos e o preconceito. *Aqueles dois* é um dos contos da referida obra que aborda a homoafetividade, dando protagonismo a dois homens, Raul e Saul, que tinham uma forte ligação de afeto, que é percebida pelos colegas do ambiente de trabalho como uma relação homoafetiva, o que faz com eles sejam alvos de homofobia (escutando piadas enigmáticas, cochichos e palavras ofensivas que foram escritas em cartas anônimas para o chefe da empresa); por fim, a homofobia de seus colegas faz com que ambos percam seus empregos por haver apenas uma suspeita de um relacionamento homoafetivo. Consoante Xavier (2025, p. 217), o olhar dos colegas de trabalho sobre a afetividade da amizade dos dois “mimetiza a visão da sociedade hegemônica, como um casal homossexual, logo sendo julgados e punidos por se desviarem da ordem social, mesmo que tal desvio seja apenas presumido”.

O presente estudo encontra-se dividido em três seções e a última se subdivide em duas subseções. A primeira parte busca trazer uma linha do tempo com as obras e autores que tratam a temática da homoafetividade, começando com autores como Ferreira Leal, Adolfo Caminha e Machado de Assis até Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago. A segunda seção apresenta o escritor Caio Fernando Abreu e sua escrita, com destaque para a coletânea de contos *Morangos Mofados*, no qual, entre as diversas temáticas que abordam, estão a homoafetividade e a homofobia. Por fim, a última seção pretende analisar o conto *Aqueles dois*, com o objetivo de delinear as questões relativas à homoafetividade e à homofobia na relação dos protagonistas. Para compor a pesquisa, recorreu-se às teorias de Alselmi (2016); Arcanjo (2023); Candia (2023); Carvalho, Silva e Camargo (2020); Fernandes (2024); Ginzburg (2010); Koehler (2013); Matos e Flores (2023); Miguel, Pizzol e Demarco (2017); Oliveira (2021); Oliveira e Simões (2018); Sánchez (2024); Santos e Oliveira (2021); Souza (2025) e Xavier (2025).

2 AS REPRESENTAÇÕES DA HOMOAFETIVIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

A homoafetividade somente começou a ser representada na literatura brasileira nos anos finais da segunda metade do século XIX. Até então eram raríssimas as obras literárias que retratavam laços amorosos entre pessoas do mesmo sexo, e a maioria era condenando os homossexuais, como ocorre no poema *Marinícolas*, de Gregório de Matos. O poeta (conhecido como “Boca do Inferno”), no referido poema, zomba e desqualifica o sujeito homossexual, o que demonstra o pensamento social vigente na época em relação à homoafetividade. Sobre o poema do poeta baiano do século XVII, Oliveira (2021, p. 260) salienta:

Gregório de Matos teceu uma crítica maledicente ao amor entre pessoas do mesmo sexo e para isso usa palavras do baixo calão – “anda ao rabo dele”, “anda ao rabo de si” e chama a atenção para a imagem do amor homoafetivo como uma prática delituosa, como era encarado esse amor, à época.

As primeiras obras literárias a trazer de fato relações homoafetivas vieram a público quando estavam em voga as escolas literárias do Realismo e do Naturalismo – nas últimas décadas do século XIX. Uma das primeiras narrativas que trazem relações homoafetivas é o romance, pouco conhecido, intitulado *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal. O protagonista da obra é Alberto, que afirma por meio de uma longa carta, que as causas de seus problemas de saúde decorrem do fato dele ter sido abusado sexualmente na infância por colegas e um professor, no tempo passado em um internato. Sobre o romance, Sánchez (2024, p. 67) diz que a narrativa “retrata um ‘homossexual’ de classe média que contrai matrimônio, mas suicida-se ao não ser capaz de manter sua relação matrimonial”. A visão da homoafetividade apresentada no romance é homofóbica e patológica (como se fosse uma doença que poderia ser transmitida), assim como muitos outros pertencentes à escola literária do Naturalismo.

Em 1888, *O Ateneu* é publicado por Raul Pompeia abordando a relação homoafetiva entre garotos de um colégio. O romance é narrado por Sérgio, que conta o tempo que passou em um colégio interno de rapazes chamado “Ateneu”. Durante o tempo que passa no colégio, Sérgio tem experiências homoafetivas com colegas de estudo, como Sanches, Bento Alves e Egbert. Ao chegar no colégio, Sérgio é alertado pelo seu colega Rebelo, menino exemplar do internato, a ser forte e não precisar de protetores, pois essa proteção custaria atender aos desejos eróticos de seu protetor. Assim, ele orienta:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores (Pompeia, 1996, p. 13-14).

Ocorreu também a descoberta pelo diretor do internato, Aristarco, de um relacionamento homoafetivo entre dois rapazes que trocavam cartas amorosas. Aristarco julga o fato como imoral, e os estudantes ficam assustados porque aquela não era a única relação homoafetiva do colégio. O diretor profere na frente de todos os alunos: “Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores! Era uma carta do Cândido, assinada Cândida” (Pompeia, 1996, p. 78).

Em 1890, é publicado o romance naturalista *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que traz em seu enredo personagens homossexuais e relações homoafetivas – que são representadas de forma patológica. Um desses personagens é Albino, que não exerce a sua sexualidade no romance. Ele é descrito como:

[...] um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem [...] (Azevedo, 1997, p. 20).

Outro personagem do romance de Azevedo, é Botelho, que se caracteriza como homossexual, sendo um senhor de idade. A homossexualidade do idoso é tratada de modo patológico, ligada à sujeira e como algo que provoca repugnância e nojo. Ao flagrar uma cena de sexo entre o jovem Henrique com a esposa de seu anfitrião, Dona Estela, Botelho acaricia as mãos do rapaz:

Falando assim, tinha-lhe tomado as mãos e afagava-as. [...] — Olhe, continuou, acariciando-o sempre; [...] sou seu amigo, porque o acho simpático, porque o acho bonito! E acarinhou-o tão vivamente dessa vez, que o estudante, fugindo-lhe das mãos, afastou-se com um gesto de repugnância e desprezo [...] (Azevedo, 1997, p. 16).

O *Cortiço* apresenta uma relação sexual homoafetiva entre duas mulheres – a jovem inocente Pombinha e a prostituta francesa Léonie. Na narrativa, a prostituta lésbica é a responsável por desvirginar a moça, fazer com que ela menstrue e se torne uma prostituta. O contato sexual entre as duas é descrito com Léonie:

[...] fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contacto com o dela todo o seu corpo nu. [...] Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doída de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando. E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificadas de espuma, e mordida-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado (Azevedo, 1997, p. 87-88).

O primeiro romance da literatura brasileira a trazer como protagonistas personagens homossexuais é *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, lançado em 1895. Os personagens principais da história são os marinheiros Amaro (apelidado de Bom-Crioulo), um ex-escravizado, e Aleixo, rapaz branco e de olhos azuis, que vivem uma relação homoafetiva em alto-mar. Segundo Souza (2025, p. 641), os protagonistas são completamente opostos, enquanto Aleixo é descrito como “branco, mais jovem, inocente, frágil e concebido como intrinsecamente bom”, Amaro é “representado como um negro forte, mau e acometido pelos vícios”. Por necessitar de proteção e ser recém-chegado na

marinha, Aleixo aceita viver uma relação homoafetiva com Amaro. Sobre os sentimentos do ex-escravizado, o romance narra:

[...] Bom-Crioulo, o negro Amaro, cujo espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno dessa única ideia — o grumete Aleixo, que o não deixava mais pensar noutra coisa, que o torturava dolorosamente... — Maldita hora em que o pequeno pusera os pés a bordo! Até então sua vida ia correndo como Deus queria, mais ou menos calma, sem preocupações incômodas, ora triste, ora alegre é verdade, porque não há nada firme no mundo, mas enfim, ia-se vivendo... E agora? Agora... hum, hum!... agora não havia remédio: era deixar o pau correr... E vinha-lhe à imaginação o pequeno com seus olhinhos azuis, com o seu cabelo alourado, com suas formas rechonchudas, com o seu todo provocador. Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, como se ele fora de outro sexo, de possui-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!... (Caminha, 1995, p. 6).

De acordo com Souza (2025, p. 642), “Amaro não se encaixa nos estereótipos de homossexualidade masculina da época, como aquele indivíduo efeminado [...] um homem forte e vigoroso e que, apesar de ser evidentemente homossexual, nunca tem sua masculinidade posta em questionamento”. Fernandes (2024, p. 11) diz que Aleixo é constantemente colocado no lugar da mulher por ter uma aparência mais frágil, ocupando assim “um espaço de passividade em uma relação homoafetiva”. Cabe destacar que a homossexualidade no romance é apresentada de forma diferente entre o homem negro e branco:

[...] a homossexualidade de Amaro é um fator dado, biológico, como algo intrínseco a sua natureza, ao passo que a de Aleixo é adquirida através do contato com aquele, como se fosse uma doença, o que, por sua vez, só reforça o pensamento cientificista do movimento realista-naturalista em voga na época (Souza, 2025, p. 643).

Já no início do século XX, Machado de Assis traz em seu conto *Píldes e Orestes*, da coletânea de contos *Relíquias da Casa Velha* (1906), a história de dois amigos, Quintanilha e Gonçalves, que vivem juntos. A união dos dois não passa despercebida por aqueles que os conhecem, fazendo insinuações, que pode ser notada na seguinte passagem do conto: “A união dos dous era tal que uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’, e um letrado, Píldes e Orestes” (Assis, 1994, p. 46).

No decorrer do século XX, vários autores abordaram a temática homoafetiva em seus textos, sendo exemplos de obras que trazem a relação entre pessoas do mesmo sexo: *O Menino do Gouveia* (1914), de Capadócio Maluco; *Vertigem* (1926), de Laura Villares; *O Desconhecido* (1940), de Lúcio Cardoso; *Frederico Paciência* (1947), de Mário de

Andrade; *Ciranda de pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles; *O Beijo no Asfalto* (1961), de Nelson Rodrigues, e entre outras.

No início dos anos 1980, anos finais do regime ditador cívico-militar e retomada da democracia, a temática da homoafetividade começa a ser discutida no âmbito acadêmico. É nesse período em que Caio Fernando Abreu publica a coletânea de contos *Morangos Mofados* (1982), obra que traz alguns contos que retratam a homoafetividade e a homofobia.

Outra obra que aborda a homoafetividade na década de 1980 é o romance *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago. A narrativa traz uma travesti como protagonista (Stella/Eduardo) e é o seu nome que dá o título à obra. Ao analisar a obra, Arcanjo (2023, p. 3) ressalta que “Stella Manhattan é uma faceta que emerge a partir da forçosa ida de Eduardo da Costa e Silva para os Estados Unidos, em função de um comportamento sexual julgado intolerável pelos seus pais”. Assim, quando Eduardo passa a viver em Nova York, longe de sua família, ele consegue ser um pouco quem é, assumindo a persona de Stella, uma pessoa autoconfiante, que seduz homens e se diverte. Segundo Santos e Oliveira (2021, p. 127), “Eduardo [...], quando não assume a identidade Stella, é um rapaz tímido, sem muitos amigos, que conversa apenas com suas companheiras de trabalho, mas sempre de maneira cautelosa, devido a sua sexualidade”.

Nos anos seguintes à década de 1980, várias obras que trazem a relação homoafetiva foram publicadas, como a título de exemplo: *O Terceiro Travesseiro* (1998), de Nelson Luiz de Carvalho e *Corpo Desfeito* (2022), de Jarid Arraes.

O surgimento e circulação das obras literárias no Brasil com personagens e relacionamentos homoafetivos, consoante Oliveira (2021, p. 242-243),

[...] contribui para que aqueles identificados como partícipes deste grupo possam ler textos literários com os quais se identifiquem no sentido de o enredo contar as práticas sociais e amorosas daqueles que têm a mesma orientação sexual que a do leitor. Todavia, por tratar da identidade sexual contrária aos preceitos do patriarcalismo e da heteronormatividade, o amor homoafetivo não deveria ser transformado em fato literário, embora se preservasse à época o conceito aristotélico de literatura como *mimese* do real. A não divulgação dessa temática possibilita que o leitor se sinta alguém que não pertence a lugar nenhum, forçado a um não lugar, com uma identidade alijada, levada ao isolamento e invisibilidade pelas forças sociais ou ainda de que se identificar com esta identidade é doentio e pecaminoso.

3 CAIO FERNANDO ABREU E A ESCRITA SOBRE A HOMOAFETIVIDADE EM MORANGOS MOFADOS (1982)

Caio Fernando Loureiro de Abreu, conhecido no cenário da literatura brasileira contemporânea como Caio Fernando Abreu, é um escritor gaúcho que nasceu em 12 de setembro de 1948, em Santiago do Boqueirão. Ele faleceu em 25 de fevereiro de 1996, vítima de complicações da Aids, aos 47 anos – época em que suas produções literárias estavam tendo visibilidade internacional. Durante a sua vida, atuou como escritor e

jornalista, além de cursar Letras e Artes Dramáticas, não se formando em nenhum dos cursos, “embora a relação afinada com os cursos o tenha acompanhado durante a vida profissional” (Candia, 2023, p. 36).

Caio F. era assumidamente *gay* e por vivenciar na pele os dilemas das pessoas homossexuais, a sua literatura acaba por trazer representações de relações homoafetivas e as situações de preconceito enfrentadas na sociedade (homofobia).

O autor escreveu vários gêneros literários como contos, crônicas, livros infantis, novelas, peças teatrais, poemas e romances, tendo se destacado na produção de contos, especialmente os que tratam da temática homoafetiva. Sobre seus contos que abordam a homoafetividade, Mariano Neto (2011, p. 100) ressalta:

[...] representam o impacto de algumas das experiências poéticas da sexualidade e afetivas dos sujeitos gays, ao atribuírem um forte componente político às próprias existências dos protagonistas e sugerirem uma ampliação sobre as possibilidades de ser e de viver de outros personagens que afeta sensivelmente os destinos das relações e desestabiliza as certezas e as convenções culturais, instaurando novos horizontes como possibilidade e invenção.

O escritor gaúcho surge na tapeçaria literária brasileira em 1970, com o romance *Limite Branco*. No mesmo ano, Caio publica o livro de contos *Inventário do Irremediável* e segue produzindo textos literários, como a novela *Triângulo das Águas* (1983), o romance *Onde Andará Dulce Veiga?* (1990) e o livro de crônicas *Pequenas Epifanias* (1996). No ramo dos contos (a sua mais vasta produção), estão: *O Ovo Apunhalado* (1975); *Pedras de Calcutá* (1977); *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988); *Ovelha Negra* (1995) e *Estranhos Estrangeiros* (1996).

A sua obra que fez mais sucesso entre o público leitor é a coletânea de contos *Morangos Mofados*, publicada em 1982 – final do período de ditadura cívico-militar. A ditadura militar e seu sistema de repressão são espelhados na literatura de Caio. Segundo Alselmi (2016, p. 94),

[...] a insatisfação da juventude diante de uma realidade asfíxiante caracterizada por repressão, censura, consumismo e desigualdades sociais; por outro lado, a literatura do autor também possui uma faceta intimista, que se manifesta por meio da introspecção, na qual ganha importância a interioridade e a psicologia individual dessa geração.

A escrita de Caio F. acaba por ser confessional – refletindo seu modo de ver e sentir a vida, principalmente no que tange à sexualidade. Sobre esse ponto, Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 112) ressaltam:

Por meio de sua escrita, Abreu compôs personagens que se assemelham a si mesmo, dando voz àqueles que não tinham espaço na sociedade. Na sua obra, são vistas lutas internas e externas, as quais deixam marcas perpétuas nos protagonistas. Compreende-se que Abreu não escrevia para agradar, ou relatar apenas as belezas da vida, nesse

sentido, *Morangos Mofados*, já a partir do título, evidencia que há nela um lado amargo, o lado do mofo. Tal mofo é evidente nas narrativas e compromete toda a estrutura do que afeta.

O título da coletânea de contos, segundo Ginzburg (2010, p. 234), carrega uma certa ironia, em que a “imagem dos *morangos* anuncia uma presença de vitalidade, que é de imediato tragada pela corrosão. O *mofo* tem como papel indicar, onde deveria haver vitalidade, a presença da degradação do tempo, que afasta o sabor original dos frutos e os decompõe em resíduos”.

Ainda sobre o título *Morangos Mofados*, por ter sido escrito em uma época em que o vírus HIV aterrorizava pessoas homossexuais no Brasil, há uma interpretação de que o “mofo” do título pode estar relacionado à doença e os “morangos” seriam uma analogia às pessoas homossexuais. Segundo Matos e Flores (2023, p. 70), “no que se refere ao aspecto visual, na época, as feridas espalhadas nos corpos [...] lembram os mofos de morangos”, que por não haver tratamento para o HIV nos anos 1980, “os indivíduos portadores em estados avançados apresentavam feridas no corpo que nos levam/permitem fazer essa analogia com os fungos dos morangos mofados”. Ainda segundo os autores (2023, p. 71), apesar de o título se referir a uma fruta, os termos estão gramaticalmente no masculino, sendo os “morangos”, analogicamente, os “homens homossexuais” e “mofados” referem-se à “doença” (HIV/Aids).

Estruturalmente, *Morangos Mofados* possui dezoito contos e é dividido em três partes: *O Mofo*, *Os Morangos* e *Morangos Mofados*. Na primeira parte, *O Mofo*, estão nove contos, sendo eles: *Diálogo*; *Os sobreviventes*; *O dia em que Urano entrou em Escorpião*; *Pela passagem de uma grande dor*; *Além do ponto*; *Os companheiros*; *Terça-feira gorda*; *Eu, tu, ele*; *Luz e sombra*. Em *Os Morangos*, estão oito contos: *Transformações*; *Sargento Garcia*; *Fotografias*; *Pêra, uva ou maçã?*; *Natureza viva*; *Caixinha de música*; *O dia em que Júpiter encontrou Saturno*; *Aqueles dois*. Já a terceira e última parte, *Morangos Mofados*, apresenta somente um conto que é homônimo ao título.

O livro traz em seus contos algumas relações homoafetivas e retrata a homofobia por parte da sociedade. Entre os contos da referida obra que trazem à baila a temática homoafetiva estão: *Diálogo*; *Os sobreviventes*; *Além do ponto*; *Terça-feira gorda*; *Sargento Garcia* e *Aqueles dois*.

O primeiro conto do livro intitulado *Diálogo* traz uma conversa, pelo o que se deduz, entre duas pessoas do sexo masculino, não nomeadas, apenas identificadas por “A” e “B”. O diálogo infinito do conto (que é percebido pela expressão latina *ad infinitum*, tradução “até o infinito”, “sem limite” ou “sem fim”) começa com “A” afirmando a “B” que “Você é meu companheiro” (Abreu, 2019, p. 17). O personagem “B” se mostra confuso e sente que “Tem alguma coisa atrás [...]” da fala do outro (Abreu, 2019, p. 17). A problemática da história consiste no que há de velado no termo “companheiro” proferido pelo personagem “A” e que ambos tentam se fazer de compreendidos, embora não consigam. Consoante Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 117), a situação do conto demonstra que os personagens “estão receosos de sentir e expressar seus sentimentos”. Pode-se interpretar que há um medo de assumir um relacionamento por serem pessoas do mesmo sexo, “um questionamento sobre quem um é na vida do outro, o que se

percebe é a falta de coragem em assumir ao outro, ou até mesmo aceitar” (Carvalho; Silva; Camargo, 2020, p. 118).

Os sobreviventes é o segundo conto do livro e traz como personagens dois amigos sem a narrativa revelar o nome, um homem e uma mulher, sendo ele *gay* e ela lésbica. A narrativa apresenta uma longa conversa entre eles, ao mesmo tempo em que bebem e fumam, em que é destacada a tentativa de mudarem a sua sexualidade homoafetiva, buscando se adequar ao padrão heterossexual de relacionamento. Os dois se envolveram sexual e emocionalmente, mas não conseguiram, como pode ser notado no trecho: “só podiam dar mesmo nisso: cama. Realmente tentamos, mas foi uma bosta” (Abreu, 2019, p. 20). Pela conversa estabelecida, os dois vivem sua sexualidade, ela com mulheres e ele com homens, e a mulher reconhece isso ao dizer: “o que acontece é que como bons-intelectuais-pequeno-burgueses o teu negócio é homem e o meu é mulher” (Abreu, 2019, p. 20-21). A conversa entre os amigos é uma despedida, pois o homem irá embora do país (talvez para o Sri Lanka) depois de tentar de tudo com a amiga para se encaixar no que a sociedade espera. Consoante Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 120-121), ambos “lutaram, fracassaram, mas são sobreviventes e agora precisam continuar”. Ainda de acordo com os autores,

[...] a reação dos personagens do conto se dá de formas distintas. De um lado, a personagem feminina sente a desesperança tomar conta de sua alma e quer apenas viver suas desgraças trabalhando para manter o sistema que tanto despreza e aceitar a sarjeta imposta por não ter conseguido mudar o mundo ou se adequar a ele, por outro lado temos o personagem masculino que demonstra esperança de deixar o amargo das repressões que viveu no Brasil para trás, indo em busca de uma nova vida em outro lugar no mundo levando consigo os mesmos desejos e ideais que apesar da opressão a qual sofreu não matou seus desejos e anseios (Carvalho; Silva; Camargo, 2020, p. 130).

A narrativa *Além do ponto* apresenta um único personagem, um homem que anda pelas ruas embaixo de chuva ao encontro de seu amado (sabe-se que é uma pessoa do sexo masculino pelo uso dos pronomes “ele” e “dele”), levando “uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito [...] e um maço de cigarros molhados no bolso” (Abreu, 2019, p. 41). O amor desse homem pelo seu amado é platônico, fazendo com que ele andasse em meio à chuva e à lama das ruas para o encontrar e quando chega à casa dele, não é atendido: “além de continuar batendo batendo [...] nesta porta que não abre nunca” (Abreu, 2019, p. 44). Nota-se no conto uma experiência de amor platônico e não correspondido que o perturba a ponto de nem saber bem o que está fazendo e ele parece estar sozinho na vida, sem amigos e familiares: “tive vontade de voltar para um lugar seco e quente, se houvesse e não lembrava de nenhum” (Abreu, 2019, p. 42). O personagem apresenta seu psicológico completamente abalado, não se encaixando “no que a sociedade vê como uma pessoa saudável e que possui controle psicológico de sua vida” (Carvalho; Silva; Camargo, 2020, p. 121). Ademais, ele demonstra sentir vergonha de si próprio, não querendo que seu amado o percebesse como ele realmente é, dizendo: “talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era” (Abreu, 2019, p. 42). Assim, o personagem passa dos seus próprios limites, indo “além do ponto”, “o que

pode ser uma metáfora para a vida de uma pessoa que se assume como homossexual, e mesmo aguentando tudo até o ponto onde deveria estar, a pessoa que ele esperava, não o atende” (Carvalho; Silva; Camargo, 2020, p. 123).

Em *Terça-feira gorda*, Caio aborda explicitamente a homoafetividade ao trazer dois homens (sem identificação nominal), que se encontram em uma festa de uma terça-feira de carnaval. Ambos ao se encontrarem na festa carnavalesca sentem atração um pelo outro, começam a dançar juntos e um deles, que é o narrador e protagonista, expressa seu sentimento: “Eu era apenas um corpo que por acaso era de um homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também” (Abreu, 2019, p. 54). O encontro de dois corpos masculinos em público faz com que eles sejam julgados pelas demais pessoas do local, sendo chamados pela palavra homofóbica “veados” e a expressão “olha as loucas”, além de serem empurrados. Após saírem da festa, eles vão para a praia, tiram “as roupas um do outro” e rolam na areia, o narrador diz: “A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro” (Abreu, 2019, p. 56). A cena seguinte do encontro de dois corpos masculinos que se gostam é marcada pela violência e homofobia que culmina na morte de um dos homens. Ambos foram atacados por “muitos” homens, levando pontapés, perdendo um dente e sendo xingados; por fim, um deles é morto e o que exerce papel de narrador “estava sozinho e nu correndo pela areia da praia” (Abreu, 2019, p. 57). Este conto de Caio F. evidencia um dos fatos mais dolorosos que a homofobia pode causar às pessoas homossexuais: a perda da vida por simplesmente querer ser quem se é. Isso causa pânico em muitos que não vivem a sua vida como desejam por medo do julgamento, violências, correndo o risco de perder a vida – o que causa quadros depressivos, uma vida infeliz e pode ocasionar até o suicídio.

Diferentemente dos demais contos acima que se encontram na parte *O mofo*, *Sargento Garcia* está na parte *Os morangos*. O narrador protagonista do conto é Hermes (um jovem de dezessete anos, virgem e delicado e pretende estudar Filosofia), que se encontra em um quartel juntamente com outros rapazes para fazer o alistamento militar. Quem está no comando do alistamento é o Sargento Garcia, um homem rude e homofóbico que dirige várias ofensas ao jovem e por fim o libera do alistamento. Ao sair do ambiente militar, Garcia oferece carona a Hermes e este a aceita; já dentro do veículo, o rapaz é assediado pelo militar e vão para uma espécie de motel, que é de propriedade da travesti Isadora. Dentro de um quarto do local, Hermes perde a sua virgindade com Garcia e mesmo estando com um outro homem, o sargento continua homofóbico, proferindo xingamentos como: “Seu puto [...]. Veadozinho sujo. Bichinha-louca” (Abreu, 2019, p. 100). Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 134), ao analisarem o conto, dizem:

É um sexo rápido no qual a rispidez de Garcia é o reflexo de seu hábito de sempre demonstrar poder e masculinidade e mesmo ali diante de outro homem que o satisfaz, ainda assim tenta se impor de forma rigorosa. Hermes não teve de Garcia tratamento que se espera durante o encontro de dois corpos que se desejam, pelo contrário.

Todos os cinco contos até aqui comentados dão relevo às questões de relacionamentos homoafetivos e aos sofrimentos provocados pela homofobia, colocando

a homoafetividade como o tema principal, mostrando que muitos têm os seus desejos reprimidos pelas circunstâncias sociais e, em alguns desses contos, há finais trágicos ou tristes, como acontece em *Terça-feira gorda*.

4 O CONTO *AQUELES DOIS*

O conto *Aqueles dois* encontra-se presente no livro *Morangos Mofados* e está na parte de contos intitulada *Os morangos*. O referido conto é o oitavo e último conto dessa parte, sendo dividido em seis partes numeradas com algarismos romanos. O conto tem como subtítulo *História de aparente mediocridade e repressão* e foi escrito em memória ao amigo Rofran Fernandes, que morou junto com Caio por um tempo.

Aqueles dois é protagonizado por Raul e Saul, que “passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames” (Abreu, 2019, p. 146), apenas no primeiro dia de serviço são apresentados. Raul vinha do Norte do país, 31 anos, gostava de música, tocava violão, cantava boleros em espanhol e tinha um sabiá em uma gaiola, chamado Carlos Gardel. Já Saul era sulista, 29 anos, gostava de desenhar “Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas” (Abreu, 2019, p. 146) e cursou Arquitetura, mas não se formou. Fisicamente, os dois eram bonitos e tinham a mesma altura e porte; Raul era moreno de barba azulando o rosto, mais definido e com a voz baixa e profunda; enquanto Saul parecia mais frágil, era um pouco menor, possuía cabelos claros e encaracolados e seus olhos eram azuis (característica muito comum nas pessoas do Sul do país) e de aparência assustadiça. Os demais personagens, como o chefe da seção e os colegas da firma não são identificados, apenas se sabe que há a presença deles no ambiente de trabalho, sendo algumas mulheres (casadas e solteiras) e homens.

O cenário da narrativa é uma repartição de uma firma, onde os dois trabalham após passarem em um mesmo concurso. Segundo a narração do conto, “Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma hora para o almoço” (Abreu, 2019, p. 146). Parte da história também se passa no local onde eles moram: a quitinete de Raul e o pequeno quarto de pensão de Saul.

4.1 A SUGERIDA RELAÇÃO HOMOAFETIVA ENTRE RAUL E SAUL

Na ficção *Aqueles dois*, Caio Fernando Abreu criou uma relação de amizade entre dois homens de nomes parecidos (diferentes apenas na primeira letra), Raul e Saul, que se conhecem no local de trabalho e criam uma relação mais íntima para além desse ambiente, mas são discretos dentro da firma – o lugar onde eles mesmos chamariam meses depois de “um deserto de almas”.

Xavier (2025, p. 211-212), ao analisar o conto, diz que ele é narrado em terceira pessoa através de “um discurso ambíguo que não se detém sobre minúcias e realiza saltos temporais entre as partes da narrativa”. A narração do conto deixa uma dúvida ao leitor se “aqueles dois” tinham apenas uma relação de amizade ou se era uma relação homoafetiva. Para Xavier (2025, p. 212), Caio propõe, na narrativa, uma crítica à constante necessidade de classificação das relações afetivas pela sociedade. A homoafetividade, segundo Miguel, Pizzol e Demarco (2017, p. 1), pode ser compreendida como um relacionamento entre pessoas homossexuais, que envolvem

“aspectos afetivos, sentimentais e sociais”, indo, dessa forma, além do envolvimento sexual. Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 114) salientam que “a homoafetividade trata de relacionamentos de pessoas do mesmo sexo. Assim, pode-se distinguir homossexualidade como orientação sexual, e homoafetividade como exercício dessa orientação, focando nos sentimentos”.

Raul e Saul, já no primeiro contato, no dia em que são apresentados na firma, criam uma sintonia um com o outro; embora fossem discretos, havia “entre aqueles dois uma estranha e secreta harmonia” (Abreu, 2019, p. 148). O narrador apresenta que “desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinas, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois” (Abreu, 2019, p. 146). Ainda apresenta o encontro dos dois como algo especial, como um encontro de almas, o que pode ser notado no seguinte trecho do conto:

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra – talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou. Não chegaram a usar palavras como especial, diferente ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém, que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las (Abreu, 2019, p. 145-146).

Depois do contato inicial, os dois se afastam, mas se sentindo perdidos naquele ambiente de trabalho: “enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Mas tão lentamente que eles mal perceberam” (Abreu, 2019, p. 146). O fato de estarem sozinhos naquela cidade faz com que eles se apoiem e fiquem amigos, pois “Eles não tinham ninguém [...] a não ser a si próprios” (Abreu, 2019, p. 147).

Inicialmente, os dois mantiveram apenas contato cordial no ambiente de trabalho, o que muda quando Saul chega atrasado à firma e Raul pergunta o motivo do atraso, sendo respondido “que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão” (Abreu, 2019, p. 148). O filme que Saul havia assistido era *Infâmia* (1961), trazendo em seu enredo a história de duas professoras, Martha e Karen, que foram acusadas de serem lésbicas e toda a comunidade se revolta contra elas, o que muda suas vidas para sempre. Curiosamente, Raul diz que gosta muito do filme e se refere ao fato de elas, supostamente, serem lésbicas; sem completar a frase ele diz: “não é aquela história das duas professoras que” (Abreu, 2019, 148). A partir desse momento, Raul toma coragem e convida Saul para um café para falarem sobre o filme e não se afastam mais a partir de então. Caio deixa nas entrelinhas do conto que o filme trazer uma suposta relação homoafetiva entre duas amigas motiva Raul a se aproximar mais do colega de trabalho porque talvez ele já tivesse um interesse em Saul. A história do filme também retrata o final dos dois no conto, já que eles foram acusados de terem um envolvimento amoroso semelhante ao que ocorre na obra cinematográfica, sofrendo uma infâmia, ou seja, as duas histórias mostram as consequências da homofobia para as vidas das vítimas.

Após o encontro para tomar um café, ambos sentiram saudades um do outro e desejaram que o final de semana passasse rápido para que pudessem se encontrar na manhã de segunda-feira e foi o que ocorreu: “De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido” (Abreu, 2019, p. 149).

Depois de uma festa a que os dois foram e Saul acabou passando mal por ter bebido demais, o sulista não compareceu ao trabalho no dia seguinte e Raul ficou o tempo todo preocupado, vagando “o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho “Tu me acostumbraste”” (Abreu, 2019, p. 149).

Com o tempo, trocaram o número de telefone e passaram a visitar um ao outro – almoçando e jantando juntos; Raul cantava para o amigo (músicas como: “Tu me acostumbraste”; “Perfidia”; “La barca”; “El día que me quieras”; “Noche de ronda” e “Contigo em la distancia”), jogavam partidas de buraco, fumavam, bebiam e assistiam a filmes. Os dois gostavam da companhia um do outro, o que é percebido na narrativa da cena em que assistiam ao filme *Vagas estrelas da Ursa*: “Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar” (Abreu, 2019, p. 150).

A relação foi ficando cada vez mais íntima que Raul deu de presente de aniversário a gaiola com o seu sabiá a Saul; e no aniversário de Raul, Saul o presenteou com um quadro seu que reproduzia uma obra de Van Gogh. Observa-se que na relação deles havia muito amor, pois ambos, ao presentear um ao outro, abriam mão do que mais gostavam, o que abre margem à interpretação de que a amizade deles era muito forte ou que tinham realmente uma relação homoafetiva.

Quando a mãe de Raul morreu e ele passou uma semana no Norte do país, Saul ficou completamente desorientado e teve um sonho com o suposto amigo: “caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro” (Abreu, 2019, p. 152). O sonho de Saul traz indícios de que eles poderiam ter um envolvimento amoroso, pois geralmente em amizades o cheiro do outro não tem importância, já em relações amorosas é normal gostarem de sentir o perfume do amado. Ao retornar de sua cidade de origem, Raul pede ao sulista para que vá vê-lo e o sonho de Saul parece se tornar realidade, porque eles se abraçam sentindo o cheiro do outro e tocam na barba e no cabelo de ambos – sendo este o único contato físico entre os protagonistas.

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada (Abreu, 2019, p. 152).

Os dois passaram o Ano-Novo em companhia um do outro ouvindo o disco *Os grandes sucessos*, de Dalva de Oliveira – presente de Saul para Raul. Eles escutaram diversas vezes nesta noite a faixa “Nossas vidas”, “prestando atenção naquele trechinho que dizia ‘até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou’” (Abreu, 2019, p. 153). O trecho da música que ouviram repetidamente revela que eles tinham uma conexão que ia além da amizade, porque os beijos de que a música fala são de pessoas envolvidas amorosamente. Nesta noite, beberam tanto que dormiram nus no mesmo quarto, embora um tivesse deitado no sofá e o outro na cama e a narrativa não traz em suas linhas se ocorreu algum contato sexual no decorrer da noite, apenas que um via a brasa acesa do cigarro do outro. Assim, o narrador revela que: “Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá” (Abreu, 2019, p. 153). Percebe-se claramente que os dois viam beleza no corpo nu um do outro, o que possibilita a interpretação de que se sentiam atraídos fisicamente, já que emocionalmente é perceptível uma forte ligação. Ademais, eles planejavam viajar nas férias “juntos quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro” (Abreu, 2019, p. 153).

Cabe destacar ainda que ambos vinham de relações heterossexuais que não tinham dado certo: “Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminará um dia” (Abreu, 2019, p. 146). Pode-se deduzir que os dois tentaram manter um relacionamento heterossexual, como é esperado pela sociedade e provavelmente por seus familiares, mas eles não conseguiram e, quando ficaram bêbados, concordaram “que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas” (Abreu, 2019, p. 149).

Pelos indícios que o conto levanta, o leitor pode interpretar que Raul e Saul tinham uma forte conexão e que se fosse uma relação homoafetiva era baseada em muito amor; isso pode ser observado na fala de Saul: “você tem a mim agora, e para sempre” (Abreu, 2019, p. 152). É interessante notar que Caio F. cria uma história de afetividade entre dois homens sem recorrer ao contato sexual para mostrar que uma relação homoafetiva vai além de relações sexuais – o que se aproxima de muitas histórias contadas na literatura com relações de amor heterossexual não baseadas em um amor carnal.

4.2 A HOMOFOBIA NA VIDA DAQUELES DOIS

Um aspecto central que Caio Fernando Abreu quis apresentar ao público leitor no conto *Aqueles dois* é a questão da homofobia – que pode ser compreendida como a aversão às pessoas homossexuais e que pode causar vários danos na vida dessas pessoas – psicológicos, físicos e financeiros. De acordo com Koehler (2013, p. 134),

Homofobia é [...] definida como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade.

Nesse sentido, comportamentos homofóbicos variam desde a violência física da agressão e da violência fatal, isto é, o assassinato, até a violência simbólica e/ou psicológica nos atos de xingar, ridicularizar, apelidar, excluir do grupo ou até mesmo afirmar que não gostaria de conviver/frequentar qualquer espaço com uma pessoa homossexual.

A homofobia, no conto do escritor gaúcho, revela-se no ambiente de trabalho, que foi conquistado por Raul e Saul com o esforço por se prepararem para serem aprovados em um exame de um concurso. Inicialmente, por serem dois rapazes solteiros e muitos bonitos, as moças e mulheres da repartição ficaram encantadas com os novatos na firma. O narrador revela:

Eram dois moços bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia (Abreu, 2019, p. 147).

Em uma segunda-feira após passarem o final de semana na companhia um do outro, os protagonistas se falaram durante o dia todo no ambiente de trabalho e foram várias vezes juntos ao café – o que faz com que as moças da repartição fizessem comentários sem que eles notassem. Neste dia, ocorreu a primeira manifestação de homofobia em relação à amizade deles, embora não tivessem percebido os cochichos que, provavelmente, eram maldosos sobre o fato de os dois homens estarem tão próximos – o que poderia estar sendo visto como uma relação homoafetiva.

Outra situação ocorreu quando, em uma noite chuvosa, Saul acabou dormindo na quitinete de Raul e no dia seguinte chegaram juntos à firma com os cabelos molhados de chuva. O narrador revela que “As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas” (Abreu, 2019, p. 151). Percebe-se neste trecho da narrativa que todos os colegas da repartição começaram a julgar a amizade dos dois, as moças pararam de se dirigir a eles e os homens trocaram olhares e fizeram piadas. Nesse momento do conto, embora Raul e Saul não notassem, começaram a sofrer na pele a homofobia porque se iniciaram comentários sobre o possível envolvimento homoafetivo, em que “piadas enigmáticas” começam a ser proferidas. Consoante Oliveira e Simões (2018, p. 32), o trecho retirado do conto evidencia “que o silenciamento das moças, as trocas de olhares dos rapazes e as piadas enigmáticas simbolizam a aversão à suposta homossexualidade de Raul e Saul, pois até o momento o que o narrador deixa perceptível ao leitor é que tinha nascido uma forte amizade entre os dois”.

O sonho de Saul com Raul revela um medo inconsciente de sofrer o julgamento da parte daqueles com quem trabalhavam. Caminhando entre as pessoas da repartição vestidas de preto, Saul observa que elas estão em posição acusadora como se estivessem reprovando o que acontecia – Raul, o único de branco, abre os braços para ele e se abraçam perante a todos. O sulista acorda do sonho pensando que o único que tinha

motivo para vestir preto era Raul porque acabava de perder a mãe, assim, os colegas da repartição por vestirem preto (um sinal de luto) pode ser interpretado como um sinal de reprovação à relação dos dois.

A situação mais escancarada de homofobia ocorreu no dia em que o chefe chamou para uma conversa e os mostrou algumas cartas anônimas assinadas por “Um Atento Guardião da Moral”. Os dois são demitidos por preconceito de seus colegas que suspeitaram de um envolvimento amoroso, mesmo que não houvesse provas e somente suspeitas infundadas; mesmo assim, se fosse comprovada a relação, não seria motivo para o desrespeito e ocasionar a perda do emprego. Ambos foram obrigados a escutar expressões homofóbicas que o chefe proferiu ao ler as cartas: “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio” e “psicologia deformada”. Raul não concordou com o que o chefe falava e “com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca” (Abreu, 2019, p. 154). O chefe ainda se mostrou preocupado, pois fato de os dois terem uma relação homoafetiva poderia afetar a reputação da firma e ainda que ele teria que zelar pela moral dos funcionários, o que demonstra uma preocupação com o julgamento da sociedade que não aceita e respeita envolvimento amorosos entre pessoas do mesmo sexo. Sobre isso, Oliveira e Simões (2018, p. 33) destacam que a firma “tinha uma reputação que deveria ser zelada, como se a homossexualidade fosse um fato vergonhoso”.

Depois de serem despedidos, ambos arrumam os seus objetos, descem em silêncio pelo elevador e são observados da janela do prédio pelos colegas ao tomarem juntos um táxi, que gritam “Ai-ai!” quando Raul abre a porta para que Saul adentrasse o veículo – mais uma marca da homofobia, já que o gesto de Raul é associado ao de um homem em um relacionamento com uma mulher, que, normalmente, é cavalheiro ao abrir a porta do automóvel.

O conto do escritor gaúcho evidencia como a homofobia afeta a vida de quem a sofre – no caso da narrativa, os protagonistas tiveram que ouvir palavras preconceituosas e perderam seus empregos pelos quais haviam batalhado. Caio não deixou de mostrar que, apesar de tristes com a situação da demissão, eles não abaixaram a cabeça ou se envergonharam das acusações sofridas, pois partem da firma juntos e Raul abre a porta do táxi para Saul. Segundo Carvalho, Silva e Camargo (2020, p. 116), “os protagonistas acabaram como que libertos e satisfeitos com o destino que tiveram”, ao passo que os colegas homofóbicos acabaram “prisoneiros das próprias crueldades”. Assim, é importante ressaltar que o escritor no parágrafo derradeiro de seu texto traz à luz que aquelas pessoas homofóbicas não tiveram mais paz e que seriam infelizes para sempre, ou seja, Caio quis deixar a mensagem de que quem julga e condena o outro não consegue viver com a consciência tranquila.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira levou um longo tempo para começar a retratar as relações homoafetivas com certa naturalidade; muitas vezes essas relações eram representadas de forma patológica, como ocorreu em muitas narrativas do período do Naturalismo. Nos anos finais do século XX, isso começa a mudar, surgindo escritores que não tinham

receio de trazer personagens homossexuais com papéis de protagonistas, mostrando seus sentimentos diante da vida, como faz Caio Fernando Abreu em *Morangos Mofados*.

Caio F. começa a publicar sua literatura em pleno período militar e não deixa de abordar a homoafetividade e a homofobia em seus textos, mesmo com a repressão imposta pelo sistema político vigente. Foi visto no decorrer deste estudo que *Morangos Mofados*, um grande sucesso de público e crítica literária (ainda que após quarenta anos de sua publicação), traz vários contos que retratam personagens homossexuais com envolvimento amorosos e sexuais, além de abordar o preconceito em relação a eles.

Sobre o conto *Aqueles dois*, tomado como objeto de estudo nesta pesquisa, Caio criou uma relação de amizade muito afetuosa entre Raul e Saul, levantando a suspeita dos colegas de trabalho de que se tratava de um envolvimento homoafetivo. Embora nada no conto evidencie claramente que eles tinham de fato um relacionamento homoafetivo, seus colegas de trabalho tramam para que fossem demitidos e, assim, alcançaram o seu objetivo. Caio, após mostrar a consequência da homofobia para a vida dos protagonistas, demonstra que também quem a pratica não é uma pessoa de bem e que mereça ser feliz, assim ele termina o conto por dizer que, naquele “deserto de almas”, “ninguém mais conseguiu trabalhar em paz [...]. Quase todos ali tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram” (Abreu, 2019, p. 154).

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALSELMI, André Luiz. A (des)pretensa arte de escrever cartas: Caio Fernando Abreu e a escrita de si. **ITINERÁRIOS – Revista de Literatura**, 2016.

ARCANJO, Fabio Ávila. A discursivização da repressão e da liberdade em Stella Manhattan, de Silviano Santiago. **Revista Abehache**, 2023.

ASSIS, Machado de. Pílades e Orestes. In: ASSIS, Machado de. **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIA, Luciene. **As cartas epifânicas de Caio Fernando Abreu: a escrita de urgência**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2023.

CARVALHO, Giovanna S. P. de; SILVA, Salua I. da; CAMARGO, Luiz R. A. homoafetividade em *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu. **Memorial TCC Caderno da Graduação**, v. 6, n. 1, p. 107-238, 2020.

FERNANDES, João Artur Rodrigues. A “homossexualidade patológica” nos romances *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O bom-crioulo*, de Adolfo Caminha. **Crátilo**, v. 17, n. 1, 2024.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Revista Interações**, v. 9, n. 26, p. 129-151, 2013.

MARIANO NETO, José **Cultura dos desejos e liberdade dos prazeres**: regimes de amizade homoerótica masculina na ficção de Caio Fernando Abreu. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura), Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2011.

MATOS, Edinaldo F. nde; FLORES, Marcelo de O. Euforia e disforia homoafetiva em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu. **Revista LiteralMENTE**, João Pessoa, PB, v. 3, n. 1, jan./jun. 2023.

MIGUEL, Samuel S.; PIZZOL, Gustavo D.; DEMARCO, Taisa T. Homossexualidade, Homoafetividade e Bissexualidade. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**, v. 2, p. e13129-e13129, 2017.

OLIVEIRA, R. da S. Historiografia da literatura homoafetiva no Brasil: formação do sistema literário, da colonização à atualidade em três poemas. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, v.6, n.19, p. 241-262, 2021.

OLIVEIRA, R. da S.; SIMÕES, M. do P. S. G. Representações da homofobia nos contos “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, v. 14, n. 14, p. 20-36, 2018.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. 16. ed., São Paulo: Ática, 1996.

SÁNCHEZ, Darío Gómez. *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha: da ambiguidade à marginalidade social. **Brasil/Brazil**, p. 65-79, 2024. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/brasilbrazil/article/view/144931/94432>>.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

SANTOS, Jonas Vinicius A. da S.; OLIVEIRA, Ligia V. P. Ditadura militar e teoria queer em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago. **Revista de Letras-Juçara**, v. 5, n. 2, p. 125-143, 2021.

SOUZA, Giovane Alves de. Recepção, crítica e homossexualidade em Bom-crioulo, de Adolfo Caminha. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 24, n. 47, p. 636-648, 2025.

XAVIER, Luiz Gustavo O. Amatonormatividade homofóbica em “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 21, p. 199-218, 2025.